



Maria Luísa Soares *

Trocar as voltas à Covid-19

“Há tanto a dizer daquele velhinho Convento de S. Francisco, tão de sussurros feito quando o visitamos, tão a dizer-nos como foi pedra basilar na história da Cidade e palco dos mais variados acontecimentos desde os tempos em que, no séc. XV, Afonso Baldaya doou as suas casas e capela para nelas se levantar um Convento, até ao momento em que em 1845 o Padre Jerónimo Emiliano de Andrade dele fez um Liceu”

Há dias acordei com a certeza de ter recuperado o meu olfacto que tanta falta me tem feito. Sonhei que tinha sido convidada para uma festa de anos de uns amigos meus e que me deliciava com a orgia de cheiros que emanavam das coisas boas sobre a mesa à minha frente. E o sabor! Ah meus amigos, como me sabiam bem todas aquelas iguarias. Eu era uma mulher nova, nada afectada pela impiedade estúpida com que a Covid 19 me tinha apanhado. E levantei-me a correr, ainda estremunhada mas movida por uma esperança boa que urgia comprovar.

Pus-me de imediato a provar chocolate, depois uvas, queijo de S. Jorge e ainda um resto de arroz de caril sem me querer render à evidência da realidade: continuava incapaz de apreciar o sabor do que quer que fosse. Escusado experimentar o olfacto. Ali à luz bem crua do dia dissiparam-se-me os últimos vestígios daquele sonho enganador: nada a fazer, eu continuava apanhada nas malhas daquela infecção covidesca que teimava em não me deixar. São sequelas, dizem-me os entendidos. E recomendam-me paciência: Há-de passar, tens de dar tempo ao tempo. E acrescentam ainda, Vê mas é se não te deixas apanhar por alguma estirpe deste Covid, elas não fazem cerimónia e andam por aí feitas doidas a contagiar novos e velhos.

Tenho vindo a refilar que se calhar já há muito devia estar imune, basta de exageros, basta de injustiças. Mas qual, a ciência esclarecida da medicina nega-me imunidades. E pelo contrário, dá-me exemplos de reinfectados continuando ainda a acenar-me com esses novos filhos da Covid 19, muito mais contagiosos, uns sacanas reles, apostados em difundir vítimas por todo o planeta.

Que pode um humano contra inimigo invisível tão vil e tão peçonhento, digam-me?

É uma guerra inglória, esta que tenho vindo/temos vindo a travar, convenhamos. Que deuses nos poderão valer?

Mas não há dúvidas de que algum deles me valeu, pois que quando em boa hora dei de caras com este livrinho que a Zita Mesquita Gabriel me enviou, mergulho em esquecimento abençoado, adormecidos os meus medos e inquietações. Em tempos, na sua qualidade de Presidente da Associação dos Antigos Alunos e Amigos do Liceu de Angra do Heroísmo, tinha-me ela pedido colaboração para o dito. Este pedido encontrou também eco em alguns de nós e assim nasceu “Recordações do Liceu Nacional de Angra do Heroísmo”.

Há tanto a dizer daquele velhinho Convento de S. Francisco, tão de sussurros feito quando o visitamos, tão a dizer-nos como foi pedra basilar na história da Cidade e palco dos mais variados acontecimentos desde os tempos em que, no séc. XV, Afonso Baldaya doou as suas casas e capela para nelas se levantar um Convento, até ao momento em que em 1845 o Padre Jerónimo Emiliano de

Andrade dele fez um Liceu, um espaço destinado à educação dos jovens. Sempre que vou a Angra procuro cirandar-lhe as proximidades, tão próximo o sinto daquilo que foi a minha vida de estudante liceal, tão vívidas ainda as lembranças desses tempos. É verdade que actualmente nele funciona o Museu de Angra, mas quando lá vou, abstraio de tudo e dá-me gozo recriar situações muito recuadas desses tempos em que subia as velhas escadas de pedra já muito gatinhas e vislumbra a sineta que nos badalava os tempos lectivos, os corredores enormes onde pontificava a autoridade do sr. Ludgero e do sr. Moreira, a cantina cá em baixo onde ainda avisto o sr. Lima a atender os nossos pedidos com a vivacidade que lhe era habitual, as salas de aula cheias de história e de estranheza, a balbúrdia dos rapazes no claustro lá fora, aquele claustro em que já então se sentia um apelo a não se sabia bem o quê e nos guindava para o lugar do sonho.

O Carlos Enes bem como o Avelino Toste dão-nos uma visão muito rica desses tempos em que a aprendizagem era também gozo, o gozo das touradas e dos desfiles de Carnaval, dos bailes (o Vítor Rui Dóres descreve-nos um), dos jantares de convívio, da JEC e das iniciativas do Padre Lima (para mim foi sempre o Padre Lima embora ele morresse já Monsenhor), das diversas modalidades desportivas..., enfim do que era ser jovem estudante nesse tempo na Cidade de Angra do Heroísmo. Fala-se muito do “nosso” jornal, a Vida Académica, sempre em dia com piadas e referências oportunas, muitas delas nascidas da observação do real apimentadas de humor (lembro-me de um trazer em letras bem gordas “Os homens preferem as loiras”, alusão, dizia-se à socapa, à prof. D. Elisa que era loira), mas nenhuma referência a uma página criada por iniciativa do Padre Lima, um suplemento de A União que dava pelo nome de “A Voz da Juventude”. Talvez por ser de carácter menos jocoso e de criação mais recente (ainda hei-de perguntar ao Germano de Sousa se ele se lembra desses tempos em que ele e eu, os encarregados da dita página, andávamos atrás da colaboração de colegas).

Viviam-se os dias de S. Vapor de que tão interessadamente nos falavam Avelino Toste e Jorge Forjaz, aquele bulício contagiante vindo do mar que nos agitava a rotineira vidinha de todos os dias, em que os jornais só chegavam à Ilha com 15 dias de atraso... O resto do mundo? A existir, talvez se situasse para além da linha que unia o céu e o mar.

Mas era bom crescer ali na ilha. Era bom começar os dias de aulas num edifício tão a pedir-nos que fôssemos felizes.

Os profs. eram na sua maioria oriundos do Continente, embora muitos deles acabassem por se fixar na Ilha (dizia-se que quem provasse a água do chafariz do Alto das Covas era certo e sabido ficar

irremediavelmente apanhadinho acabando por se fixar na Ilha). Havia-os das mais variadas espécies e feitios, e todos os dias nos aturávamos uns aos outros, eles, os profs. impingindo-nos fluxos de sabedoria, nós sempre à espera da nota decisiva e final que nos iria habilitar à vida do mundo cá de fora.

Agora quando venho à Ilha (e venho muitas vezes porque ela traz-me presa em invisível cordão umbilical), em vão procuro alguém com quem partilhar o Lembra-te disto...? e daquilo?... Quando muito, encontrava-me até à pouco com a Deodete ou a M. Angra, o Antoninho Simões e a irmã, inevitáveis nos seus postos de trabalho na rua Direita. A Isabel Gouveia, algumas vezes, o Duarte Braz, ou o Machado Pires feitos veraneantes como eu. Com o Machado Pires ainda tive momentos de revisitação a certos eventos e lugares. Foi num desses momentos que lhe propus me fizesse a apresentação de dois romances: “A Ilha Décima” e creio que “Em nome dos Princípios”, proposta aceite e concretizada tempos depois.

Mas sabe-me a pouco e não nego que teria o maior gosto em encontrar a vadiar pelas ruas da Cidade de Angra a Zita. Ela, tal como eu, não morria de amores pelo dr. Heliodoro, prof. de matemática que achávamos nós e mais alguns, era um sádico impiedoso, e a quem um dia ela dedicou, via rádio, A mula da cooperativa. Ou então a Margarida Borba (vulgo Bia) ou a Teresa Monjardino de quem fui colega de carteira e que ficaram a meter-se comigo durante muito tempo pelo meu desempenho numa aula de Português em que a prof. me pôs a cantar uns versos do Fernando Pessoa. Foi assim: a prof. achou por bem mandarnos decorar aqueles versos dele tão expressivos “Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal...” e por aí fora, e eu aflita senti-me na obrigação de me levantar e avisar de que não ia ser capaz por os já os saber cantar, e que o mais certo era a recita me sair cantada. Pois, a dispensa veio mas, no meio de grande risada, e tive mesmo de cantar ali de improviso, eu que de cantora não tenho nada.

Resta-me dar-te os parabéns, Zizi, pela iniciativa em que tanto te empenhaste e que conseguiste levar a cabo, apesar dos obstáculos vários que foste encontrando pelo caminho.

Quem sabe se não aparecerá ainda em continuação deste, um segundo volume em que tenham voz também aqueles que não puderam ou não quiseram por qualquer motivo participar neste 1º?

Conhecendo-te, não me admirava nada que aí na pacatez da tua Graciosa estivesse a germinar outra ideia galvanizadora que nos faça sair a todos da hibernação forçada para que esta pandemia nos empurrou.